

três partes: “Les risques dans les pays en développement”, “Les risques dans les pays riches” e “Risque économique et risque social”.

Também são três os capítulos da segunda parte. Jean-Claude Thouret trata da avaliação, prevenção e gestão dos riscos naturais nas cidades da América Latina, Luc Cambrézy e Pierre Janin escrevem sobre o risco alimentar em África e Yannick Glemarec debruça-se sobre o papel das instituições internacionais na prevenção e domínio dos riscos, dando como exemplo o Bangladesh.

Yvette Veyret aparece de novo como co-autora de dois dos cinco capítulos da terceira parte. Com Nancy Meschinet de Richmond escreve sobre os riscos naturais em França e sobre os riscos naturais na Europa. Os outros três são da responsabilidade de Jacques

Donze, que se refere ao risco industrial em França, Philippe Pelletier, que tenta responder à sua própria pergunta – “Le Japon sans risques?” – e Jacques Heude, que desenvolve o tema dos riscos naturais nos Estados Unidos da América.

Os dois capítulos que constituem a quarta parte são tratados por François Bost (riscos económicos) e por Hervé Vieillard-Baron (riscos sociais).

Independentemente das bibliografias específicas que acompanham os diversos capítulos e que correspondem à identificação das referências dos autores citados, *Les Risques* termina com uma Bibliografia geral, que, não sendo exaustiva, é demonstrativa da importância de uma escola francesa que se vem consolidando na área dos riscos.

Dois “dossiers” de características diferentes sobre riscos²

Fernando Rebelo

1. Jocelyne Dubois-Maury apresentava-se como jurista de formação, ensinando no Instituto de Urbanismo de Paris, quando publicou, com Claude Chaline, o conhecido livro *La ville et ses dangers* (Paris, Masson, 1994, 251 p.). Onze anos depois, docente do mesmo Instituto da Universidade de Paris XII, Val de Marne, organizou o “dossier” *Les risques naturels et technologiques* (Paris, La Documentation Française, 908, 2005, 120 p.) recorrendo a textos de numerosos especialistas. De sua responsabilidade é, também, o prefácio (“Avant-propos”), onde fala de riscos maiores e de novos riscos, bem como da evolução dos níveis de resposta aos problemas que cada vez mais se colocam à sociedade. Estará de novo com Claude Chaline num texto sobre a vulnerabilidade dos espaços urbanos às catástrofes naturais (p. 24-27), e como único autor num texto sobre a dialéctica entre prevenção e indemnização dos danos (p. 85-89).

Os textos escolhidos encontram-se agrupados em quatro conjuntos – “Les risques, enjeux de société”, “Risques naturels et vulnérabilités territoriales”, “Risques technologiques: des impacts diversifiés” e “Politiques publiques: prévention et précaution”. Para cada conjunto, são apresentados textos extraídos de trabalhos diversos de numerosos autores. Entre eles, encontram-se nomes bem conhecidos como os de Ulrich Beck,

Yvette Veyret, André Dauphiné ou Claude Allègre.

Este número de La Documentation Française que, logo na capa, se anuncia como pertencendo a uma colecção denominada “Problèmes politiques et sociaux”, é de uma enorme riqueza para apoio de quem tenha de trabalhar na área dos riscos. Entendendo os riscos como uma relação entre “aléa” ou “hazard” e vulnerabilidade, não há dúvidas quanto à importância que tem de ser dada às características da presença do homem nas áreas em que os processos naturais e tecnológicos se podem tornar perigosos. Esta temática é suficientemente reflectida no “dossier”. Quando não o é, deixam-se tópicos bastantes para que o próprio leitor reflecta.

2. De muito maior dimensão é o livro *La géographie des risques dans le monde*, editado sob a direcção de Gabriel Wackermann (Paris, Ellipses Ed., Carrefours, Les Dossiers, 2005, 501 p., 2e édition mise à jour). Trata-se de uma apresentação de 20 “dossiers” organizados em conjuntos ou “partes”, que movimentou um número elevado de investigadores.

A primeira parte, intitulada “Approche d’ensemble” é constituída por dois “dossiers”, um sobre a problemática geral, assinado por Wackermann, que, antes, também assinara a introdução, e outro sobre riscos e “aléas” naturais protohistóricos e históricos no Mediterrâneo, da autoria de Julien Mathieu.

A segunda parte, “Risques naturels ou à dominante

² DUBOIS-MAURY, Jocelyne, dir. de (2005) – *Les risques naturels et technologiques*. Paris, La Documentation Française, Problèmes politiques et sociaux, 908, Janvier 2005, 120 p.

WACKERMANN, Gabriel, dir. de (2005) – *La géographie des risques dans le monde*. Paris, Ellipses Ed., Carrefours, Les Dossiers, 501 p. (2e édition mise à jour)

naturelle”, junta seis “dossiers”. Trata-se de riscos geodinâmicos em geral (Gérard Mottet), de risco vulcânico na Martinica (Frédéric Leone e Thierry Lesales), de florestas, incêndios e tempestades (Jean-Paul Amat, Paul Arnould e Micheline Hotyat), de riscos em montanha (Henri Rougier), de como travar a erosão na montanha (Jean-Pierre Husson) e de riscos em baixos planaltos e bacias em domínios temperados (Gérard Hugonie).

Cinco “dossiers” compõem a terceira parte – “Risques zonaux ou régionaux à dominante naturelle” – desertificação em meios secos (Monique Mainguet), riscos e catástrofes no espaço caribenho (Éric Lambourdière), riscos em países mediterrâneos (Gérard Hugonie), riscos em sistemas de grandes agriculturas (Jean-Pierre Husson e Marc Benoît) e riscos em Île-de-France (Alexandre Wolff).

A quarta parte – “Risques démographiques” – oferece apenas dois “dossiers”, um sobre riscos sanitários (Jeanne-Marie Amat-Roze) e outro sobre a hipótese de existir um risco de sobrepopulação (Gérard-François Dumont).

Finalmente, a quinta parte – “Risques proprement anthropiques” – apresenta cinco “dossiers”, um sobre riscos ligados à sociedade urbanizada (assinado também por Gabriel Wackermann), outro sobre a vulnerabilidade das grandes cidades (Jacques Bonnet), outro sobre riscos tecnológicos (Jacques Donze), outro sobre o risco social urbano (Franck Riboulon) e o último sobre os “altos riscos” que giram em torno dos monumentos e das paisagens considerados património mundial da humanidade.

3. Não se afigura legítima a comparação entre estes dois livros chamados “dossiers”. O primeiro, como tal assumido na capa (“Dossier réalisé par Jocelyne Dubois-Maury”), aparece-nos como um conjunto devidamente ordenado de textos já publicados. O segundo, assumido quando considera “dossiers” aquilo a que chamaríamos, normalmente, “capítulos”, é muito mais do que um “dossier” ou conjunto de “dossiers”. Cada “dossier” é um ensaio original, quase sempre com muita informação e reflexão. Corresponde a textos em que a Geografia está presente no modo como se apresentam os processos potencialmente perigosos, os “aléas”, e no modo como se trata de vulnerabilidades. Alguns dos “dossiers” são ilustrados com cartografia – os textos em que se referem os sismos no Japão e o sismo de Dezembro de 2004 em Sumatra, que esteve na origem do “tsunami” do Índico, são apoiados por cartogramas explicando os respectivos enquadramentos estruturais. Cartogramas e desenhos esquemáticos aparecem em vários dos trabalhos, seja a propósito de casos concretos de manifestações vulcânicas, seja a propósito de avalanches ou de movimentos de vertente.

Les risques naturels et technologiques e *La géographie des risques dans le monde* são dois livros importantes para acompanhar quem queira estudar riscos, que mostram bem quanto se avançou em França na reflexão sobre riscos desde fins dos anos 1980, início dos anos 1990 (cfr. F. REBELO, 2005³).

Dois livros sobre riscos naturais assinados por Jorge Olcina Cantos⁴

Fernando Rebelo

Riesgos Naturales? É o título-pergunta de dois livros publicados em 2006 pela Editorial Da Vinci, de Mataró, assinados por Jorge Olcina Cantos, Catedrático de Geografia Regional da Universidade de Alicante. O primeiro trata de secas e inundações, ocupando 220 páginas; o segundo trata de furacões, sismicidade e temporais, estendendo-se por 205 páginas.

A pergunta é cada vez mais pertinente. Será que quando falamos daqueles fenómenos naturais estamos à partida a falar de riscos? Será que não os estudamos no âmbito da Geografia Física como fenómenos, independentemente da presença ou da ausência do

homem? Sim e não. Sim, quando os estudamos na maioria dos livros da especialidade. No entanto, Alfredo Fernandes Martins (1916-1982), geógrafo e professor da Universidade de Coimbra, ao leccionar Geografia Física, começando pela Climatologia, costumava dizer que não. Dizia, então, nas suas aulas, que só a presença do homem justifica que se estude Climatologia no quadro da Geografia. Porque a Geografia é um todo. Porque a separação entre Física e Humana só se deve aceitar por uma questão de siste-

³ REBELO, Fernando (2005) – *Uma experiência europeia em riscos naturais*. Coimbra, MinervaCoimbra, 123 p. + 23 fotografia.

⁴ OLCINA CANTOS, Jorge (2006) – *Riesgos Naturales? I – Sequias e Inundaciones*. Mataró, Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 220 p.

OLCINA CANTOS, Jorge (2006) – *Riesgos Naturales? II – Huracanes, Sismicidad y Temporales*. Mataró, Editorial Da Vinci, Colección GEOAMBIENTE XXI, 205 p